

LUGAR E GEOGRAFIA HUMANISTA: UMA PROPOSIÇÃO PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR

THE PLACE AND HUMANISTIC GEOGRAPHY: A PROPOSITION TO SCHOLAR GEOGRAPHY

Rodrigo CapelleSuess*
Cristina Maria Costa Leite**

Resumo:

Defendemos que o conceito lugar em uma perspectiva da Geografia humanista contribui para um processo de ensino-aprendizagem que conduz o aluno a compreender melhor a si mesmo e o mundo em que vive, sem menosprezar os aspectos cognitivos, afetivos, físicos, éticos e estéticos, que possam interferir no exercício da cidadania e, ainda, de uma atuação e inserção social mais consciente e humanista. Sendo assim, acreditamos que o mesmo contribui para que os discentes se reconheçam como sujeitos, com possibilidade concreta de atuação no espaço por meio do lugar, compreendam as aparências, ausências e múltiplas manifestações dos fenômenos geográficos, resignificados à luz de suas próprias experiências.

* Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Mestre em Geografia na Universidade de Brasília - UnB.

** Professora da Universidade de Brasília - UnB

Abstract:

We argue that the concept of place in a Humanistic Geography approach contribute in the teach-learning process that lead students to better understand themselves and the world around them, without mesmerize cognitive aspects, affective, physics, ethic and aesthetic, that could interfere in the exercise of citizenship and even in a more conscious and humanistic action and social insertion. Therefore, we consider it contribute to self-recognition of the students as subjects with real possibility of agency in the space through place, understanding their semblance, absences and multiple manifestations of geographic phenomena resignified by their own experiences

Palavras-chave:

Geografia Escolar; Geografia Humanista; Lugar; Mundo Vivido

Keywords:

Scholar Geography; Humanist Geography; Place; Lived World

INTRODUÇÃO

Como destaca Selbach (2010, p. 37) a Geografia se constitui em “um instrumento formidável para que possamos nos conhecer e nos compreender melhor, perceber toda a dimensão do espaço e do tempo, onde estamos e para onde caminhamos”. O conceito geográfico que mais se aproxima dessa abordagem é o de lugar, conceito a ser explorado nesta subseção. Ele é um dos conceitos fundamentais da Geografia, destacando-se, principalmente, na vertente humanista. Seu estudo reverte em analisar os significados construídos no espaço, englobando em especial, as facetas do mundo vivido e da experiência, aspectos que são bastante valorativos em uma perspectiva de ensino. Desse modo, procuramos fazer proposições do conceito de lugar com uma abordagem de ensino em Geografia.

Por Geografia humanista compreende-se aquela Geografia que reflete os fenômenos geográficos com intuito de melhor entender o homem e a sua condição buscando desvendar as relações das pessoas com a natureza, o comportamento e sentimento dessas pessoas em torno do espaço e do lugar (TUAN, 1982). “Um humanista olha esse mundo de fatos e pergunta: o que ele significa? O que ele diz a respeito de nós?” (TUAN, 1982, p. 163).

A construção de conceitos geográficos vem sendo considerada uma importante ferramenta para o desenvolvimento do pensamento dos alunos (CAVALCANTI, 2012a), visto que os mesmos possibilitam uma leitura e releitura do mundo com um viés espacial, crítico, reflexivo e humanista. O conceito como processo intelectual existe para resolver um problema, o seu significado é mutável. “Um conceito não é uma formação isolada, fossilizada e imutável, mas sim uma parte ativa do processo intelectual, constantemente a serviço da comunicação, do entendimento e da solução de problemas” (VIGOTSKI, 2008, p. 67). No ensino, destaca Cavalcanti (2012, 2013), é a formação do pensamento conceitual que possibilita uma mudança na relação do sujeito com o mundo, se tornando uma capacidade fundamental para compreensão da realidade, extravasando a dimensão puramente empírica. Trata-se agora de explorar melhor o conceito de lugar em uma perspectiva humanista como importante ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia.

1. O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA

Tratando de conceito, cabe então teorizar um pouco o que se trata a noção de lugar. Marandola Jr. (2012) sustenta que o lugar é uma das ideias geográficas principais, transcendendo em muito a Geografia, permitindo diálogos e conexões com diversas áreas, tais como: a teoria social, a filosofia, a literatura, a arquitetura, a psicologia e o cinema, por exemplo. No entanto, concentramos mais em estudá-lo destacado para a Geografia e um olhar voltado para o processo de ensino-aprendizagem geográfico. Nesse sentido, o lugar pode ser utilizado como uma ponte que permite à geografia fazer conexões interdisciplinares, contribuindo para um ensino-aprendizagem mais rico de conhecimentos e informações.

Há várias definições e explicações sobre o lugar, mesmo em uma abordagem fenomenológica em Geografia. Segundo Relph (1976, p. 5), “place has often been identified implicitly as the essential feature of the phenomenological foundations of geography!”. Esse mesmo autor (1976) acredita que diante da sua análise entre espaço, paisagem e lugar, este último talvez seja o mais fundamental dos três, porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas. De acordo com Seamon (2009, s. p) o lugar é “a fusion of human and natural order and any significance spatial center of a person or group’s lived experience²”. Resumidamente, podemos colocá-lo como “qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas” (TUAN, 2011, p. 8).

O homem é um ator geográfico que tem no lugar o seu espaço de vida. Esse envolve uma teia de ligações que refletem nossos sentimentos, memórias, valores, símbolos e aspirações. Ele não pode ser reduzido a uma coleção de objetos e eventos, o mesmo extravasa uma concepção materialista. Discutir esse conceito nos leva a indagar algumas questões: seria melhor descobrir manifestações no espaço quantificáveis ou compreender as experiências dos sujeitos no espaço? Seria possível uma Geografia humanista sem esses referenciais? (BAILLY & SCARIATI, 2001).

Calçado em uma perspectiva que visa compreender o sentido de totalidade e contextualidade do lugar, Entrikin (1991) defende a busca de um meio termo entre o polo objetivo da teorização e o polo subjetivo da compreensão empática, para de tal modo, viabilizar o entendimento desse conceito em tempos modernos. Tal relativização implica no processo de ensino-aprendizagem

a consideração daquilo que foi e está sendo vivido pelos alunos e daquilo que foi construído teoricamente, visando uma mediação entre conceitos cotidianos e científicos como defende Vigotsky (2008). Sendo assim, cabe melhor explorar essa questão na próxima seção.

A Escala do Lugar: debate entre o local e o global

Da mesma forma que a noção de Lugar pode ser utilizada para criar preconceitos como expõe Souza (2012), Harvey (2012) e Massey (2008), ele também contribui para quebrar preconceitos e estereótipos e colaborar para aceitação do novo. Para isso a ideia de lugar deve estar indissociavelmente relacionada com a noção de global. Quando falamos de global, não devemos ficar apenas em seu nível de escala geográfica, mas também remeter a um nível global de significados. Isso implica reconhecer que meus lugares particulares, que me ajudam a me conhecer melhor, estão inseridos em uma rede de vários outros lugares que também ajudam a reconhecerem melhor outras pessoas, e por consequência formam uma rede global de significação. Ora o lugar contribui para conhecer a si mesmo e também conhecer o mundo, aceitar as diversidades e as possibilidades de novas significações. Essa noção embora se assemelhe com as apresentadas por Santos (2005) e Callai (2012) não se reduzem a elas.

Uma contribuição humanista de Santos (1994) para o processo de ensino aprendizagem é a necessidade de partir da consciência da época em que vivemos. Isso implica sabermos mais sobre o funcionamento do mundo, “[...] reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro” (SANTOS, 1994, p. 121). Callai (2013) expõe que a história que se passa em um local qualquer do planeta, não restringe aos seus limites, mas envolve um processo mais abrangente, que relacionam os fenômenos em contextos que vão mais além. Nesse plano, os geógrafos humanistas não podem mais ignorar as forças do global.

No que concerne a escala do lugar, Tuan (2013a) considera que o mesmo existe em diferentes escalas, que vão desde uma poltrona preferida até o planeta Terra em seu todo. Bartoly (2011) alerta-nos: a escala do lugar não necessariamente se reduz à escala local. As práticas sociais se tornaram mais ou menos confusamente multiescalares, como sublinhou Lacoste (1997), o lugar por envolver pessoas também se torna multiescalar.

Assim, não podemos de fato restringir à esca-

la micro ou local. Pois, existe uma série de condições que conduzem as pessoas a experienciar mais ou menos os lugares em níveis e intensidades local e global. Uma vez que “uma característica das pessoas modernas é que elas não se sentem limitadas à comunidade e ao lugar” (TUAN, 2014, p. 8), indo muito além, principalmente, por meio das ondas da internet e da velocidade dos fluxos de toda a ordem. Isso não significa dizer que as pessoas não precisem mais de um lugar, essa é uma necessidade fisiológica e existencial, mas que elas têm mais possibilidades de conhecer outros, o que implica que a escolha do lugar está passando a ser mais autêntica do que alienada e sem alternativa.

Marandola Jr. (2012) acredita que o enfraquecimento do sentido social do lugar se deve pela produção social globalizada, que produziu tal desestabilização, introduzindo ao cotidiano risco e insegurança. Porém, como afirma o autor, o lugar se enfraqueceu apenas em seu sentido social e não ontologicamente, tendo em vista que a constituição de lugar continua essencial para a segurança ontológica e a autenticidade da identidade.

Estaria o lugar fadado ao desaparecimento frente ao processo de globalização e ao mundo moderno? Para Santos, M. (2012b, p. 34), “quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, isto é, únicos”. Partindo do princípio que todo lugar é único, a ciência apresenta-se com o papel de desvendá-lo e desmitificá-lo, cada qual com suas características e particularidades. Se fôssemos avaliar por essa perspectiva, o estudo do lugar não se reduz, ao contrário, amplia-se na dimensão do mundo.

2. O LUGAR E A MEDIAÇÃO DE CONHECIMENTOS ESCOLARES

Zaret (1964) *apud* Entrikin (1991) atesta que o significado de um lugar é indissociável da consciência de quem o habita. Nesse sentido, a especificidade do lugar está correlacionada com as experiências únicas que se tem com esse local e os significados atribuídos a essa experiência. Essa ideia é bastante valorativa em uma perspectiva escolar, especialmente, nas séries do ensino fundamental anos iniciais e nas primeiras do ensino fundamental anos finais, pois possibilita através do conhecimento de lugares mais imediatos dos alunos como a sua casa, rua, bairro, cidade e escola uma aproximação teórica do conhecimento geográfico. Uma abordagem adequada desse conceito nessa fase contribui fortemente para a criação de uma identidade do aluno com esse campo disciplinar, ajuda a quebrar estereótipos relacionados à Geografia, como é o caso da fama dessa

ciência ser conhecida como penduricalho de capitais e conhecimentos enciclopédicos, e, conseqüentemente, contribui para uma melhor aprendizagem em Geografia no percurso escolar.

Como menciona Tuan (1979) lugar não é, puramente, um fato a ser elucidado na ampla estrutura do espaço, é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. “Todos os actos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações, e, por conseguinte, criam lugares” (FREMÓNT, 1980, p. 133). Assim, entendemos que o lugar possui uma maior amplitude, deixando de ser visto como um local qualquer na superfície, para incorporar os sentidos experienciais, no qual cada pessoa reconhecerá o significado por meios das relações construídas e estabelecidas.

Ao valorizar os locais mais imediatos da vida cotidiana dos alunos, o professor dá um grande passo para a valorização da significação do espaço construído por cada sujeito. Não necessariamente ao valorizar e usar exemplos esporádicos de casa, rua, bairro, cidade e escola estaremos valorizando a perspectiva particular de cada um, cabe além de um descrição, uma reflexão e análise do contexto. Devemos oportunizar momentos de fala e socialização dos alunos, no qual esses sujeitos utilizarão desse momento para expor múltiplos significados sobre esses locais, ora compartilhado por outros colegas, ora de valor bem pessoal, permitindo reconhecer, por exemplo, que a casa de João não tem o mesmo significado para José que tem para João, e assim vice versa, ou que a escola embora seja o mesmo espaço material não possui os mesmos significados e sentimentos para todos os alunos, professores, funcionários e comunidade.

Esses exemplos e o uso das experiências dos discentes e do próprio professor permitem avançar de conceitos cotidianos simples como cama, quarto, casa, vizinhança, rua, amigos, bairro, parque, cidade, escola... para um conceito mais sistematizado, ora, o lugar que consegue reunir os demais por ambos representarem significados para cada um ou para o grupo localizados em pontos do espaço conhecido e experienciado.

O lugar é uma pausa no movimento. A pausa permite organizar a significação do mundo, que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor. O movimento impede a sua constituição. Ele também é segurança, todos os seres humanos precisam dessa estabilidade, mesmo aqueles que almejam liberdade, a inércia é natural e se consolida no avançar do tempo e no apego aos lugares e as pessoas. O lugar é, antes de tudo, um polo de necessidade pautado em uma construção

humana e social (TUAN, 2013).

É necessário reconhecer na contemporaneidade que essa pausa se reflita em uma pausa do corpo e não necessariamente uma pausa total. Embora sejam níveis de enraizamentos diferentes, um sentar-se no ônibus, no trem, no metro ou até mesmo em um avião pode nos transmitir segurança, mesmo que passageira, o encontro de um banheiro público no meio do fluxo igualmente. Não podemos esquecer que muitas pessoas não possuem lugar fixo, algumas por opção, ocasião ou até mesmo por condição. Esse fato não significa que esses não construam sentido de lugar. Uma família circense, por exemplo, mantém elos com as pessoas e estruturas relacionadas com o seu trabalho, constroem um forte sentido de lugar mesmo em constante movimento. Um cantor de sucesso que viaja mais de 20 dias por mês acaba tendo que estabelecer vínculo com os lugares ou as pessoas que com ele viaja, embora muitas vezes reivindiquem um lugar fixo. Os moradores de rua necessitam de uma constante procura de um local que lhe transmita segurança, embora seja por horas ou dias apenas, o que não significa que não estabeleça um sentido de lugar.

Quando fitamos nos exemplos de casa, rua, bairro, cidade e escola, não são por acaso, pois esses nos oferecem uma infinidade de exemplos para serem utilizados não apenas para construir o conceito de lugar, mas uma infinidade de outros. A ideia de pausa no movimento pode ser contextualizada com o tempo que os alunos ficam nesses locais, tempo que permite ter experiências, adquirir hábitos ou não e satisfazer suas necessidades fisiológicas e sociais, logo construirão elos com essa porção do espaço. Pode ser relacionada também com a noção que eles podem ir para qualquer local, mas precisam voltar para um lugar que lhes deem sentido de estabilidade ao final do dia.

Adepto de uma perspectiva mais contemporânea de lugar, Chaveiro (2012, p. 276) endossa que o mesmo é “uma edificação de ininterruptas relações, vertidas por apropriações do espaço, construídas por corporeidades em movimento”. E dependendo do íntimo das pessoas, sejam eles transitivos ou duradores, da atualidade ou do passado podem variar os valores, podem contribuir para a quebra de preconceitos, para a formação de novos conceitos e para aceitação de novas formas (MELLO, 2012).

“A delimitação própria dos lugares se vincula principalmente à definição de uma identidade: um lugar é sempre um onde particular, como um caráter próprio, construído ao longo de um tempo” (SARAMAGO, 2012, p. 205). A identidade, para a autora, pode ser estritamente compartilhada com os entes que nele se

encontram. Marandola Jr. (2012) refletindo a respeito, reintera que, além de ser pelo lugar que nos identificamos, é a partir dele que nos inserimos no mundo e nos lembramos de nossa existência, em última análise, faz parte de nosso cotidiano e se constitui como base de nossa experiência no mundo.

Quando se fala de lugar no ensino não podemos deixar de mencionar a importância desse para a criação de identidade e sentido de pertencimento a um dado recorte espacial minado de referências simbólicas, de simpatias e antipatias, de inclusão e exclusão como defende Leite (2012). Por isso, essa autora (2012) assume o conceito de lugar como uma categoria apropriada para o processo de ensino-aprendizagem em Geografia tendo em vistas as diversas possibilidades que o mesmo oferece de melhor conhecer, refletir e valorizar aquilo que é particular, específico e singular para o discente tornando-se uma ferramenta que viabiliza a reafirmação de valores, histórias, memórias, grupo social e cultura que é próprio dos alunos e seus contextos.

Lugar pode ser visto igualmente, de acordo com uma neologia utilizada por Tuan (2012), como “Topofilia”. Conceito que se refere em sentido amplo, aos laços afetivos desenvolvidos pelos seres humanos com o meio ambiente material, sua intensidade é variável, indo desde um sentido efêmero de lugar a construção de um lugar íntimo. Para o humanista, a experiência pessoal é sinônimo de topofilia. Oliveira (2012) acredita que conhecer um lugar é desenvolver um sentido topofílico ou topofóbico. Portanto, é um local em que se conhece, que se vive, que temos boas ou más lembranças.

Se o lugar é um local de significado, e o significado reflete naquilo que foi vivenciado, selecionado e transformado em memória e/ou em um conhecimento experiencial (SCHULTZ, 1979), logo ele não pode ser delimitado retratando apenas as boas experiências. Percebemos esse como um dos grandes problemas em muitas abordagens de lugar em Geografia, em especial humanista, o que acaba contribuindo para uma estereotipação desse conceito e do horizonte humanista em Geografia como super-românticos. Como abordar um local com diversos problemas na infraestrutura, nos serviços, na qualidade no meio ambiente e qualidade de vida em geral relacionando apenas as boas lembranças? Essa concepção irrompe o sentido de lugar, ofusca as forças locais de lutarem por melhorias que, poderia atribuir um novo sentido de lugar, um sentido de lugar nessa perspectiva não contribui para muita coisa, exceto para alienação do grupo envolvido.

Quando eu como professor vou trabalhar com uma periferia ou favela devo de tal maneira valorizar o

que é específico do local, aquilo que comove e move a comunidade, seus simbolismos em relação aos espaços vividos, seus festejos e glórias, mas também não posso esquecer o chão que é marcado com suor e luta, das desigualdades e tratamento do governo e estado, com as dificuldades e sofrimentos que preencheram aquele espaço de significados negativos. Devo mediar os significados, não para estigmatizar ou supervalorizar aquele local, mas para levar os alunos a pensarem alternativas coletivas e individuais de mudanças sociais, visando a ressignificação e o bem estar da comunidade envolvida.

A construção do sentido de lugar somente se viabiliza por meio da organização e conhecimento do espaço. O conhecimento da forma e da estrutura nos transmite segurança. Sendo de tal forma, a significação dos lugares se dá por meio do conhecimento do espaço, de suas formas e estruturas. Uma vez que aos objetos serem reconhecidos em sua materialidade e em sua funcionalidade ajudam na organização e conhecimento do espaço (TUAN, 2013). Por isso, muitas vezes, a identificação de locais e ponto de referências que fazem parte do universo vivido dos alunos é um ótimo ponto de partida para que os alunos construam uma noção de lugar. Esses locais não fazem sentidos separados, mas em conjunto, ligando uma significação que permeia a suas realidades.

A respeito da questão, faço menção de uma experiência enquanto professor na Região Administrativa de Sobradinho-DF. A BR-020, o supermercado Comper, a igreja Imaculada Conceição, a “Banca do Negão”, o Centro de Ensino 04, e o prédio em reforma – objetos do espaço geográfico de Sobradinho-DF - desconexos não fazem nenhum sentido. Mas a medida que peço para o aluno que ele me descreva como chegar em sua casa, o mesmo organiza informações que possui sobre as formas e estruturas de seu mundo vivido, e esses locais se tornam pontos de referência para que se chegue ao destino desejado. Trata-se de um conhecimento espacial dos lugares mais imediatos de sua vida. A “Banca do Negão” não é mais um ponto isolado, mas um dos pontos de referências para se chegar a casa de Mateus como se pode notar a seguir:

Quando me perguntam as referências para se chegar até a minha casa falo para pegar a BR 020, passar pela primeira entrada para fazer o balão a esquerda, onde existe o Supermercado Comper, seguir em frente, passe pelo balão da igreja Imaculada Conceição, chegue até a Banca do Negão, ao lado do Centro de Ensino 04, vire á direita e logo em seguida vire a direita novamente, o prédio está em reforma é onde moro (MATEUS, discente do 6º ano do ensino Fundamental em Sobradinho).

Outro fato importante a ser notado refere-se à maneira de sentir o lugar, nesse sentido, o sentir envolve

além dos sentidos, a percepção particular dos indivíduos. Em consideração, senti-lo é uma mistura de vistas, sons, cheiros, sensações, e captações de elementos naturais e sociais (TUAN, 2013). De tal forma, “os sentidos não podem ser desligados das categorias espaciais” (KAERCHER, 2013, p. 181), ainda mais se tratando de um conceito que envolve uma relação prático-sensível dos sujeitos com o mundo, o lugar!

“Estudar e compreender o lugar, em Geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais ou humanas” (CALLAI, 2012, p. 72). Consideramos que conhecer o lugar é conhecer a si mesmo, as manifestações passadas, as forças modeladoras de determinado local, o anseio das antigas e novas gerações, além de possibilitar reconhecimento do fragmento temporal-espacial enraizado em nossa memória o que nos remete aos gostos, vontades e visões de mundo. Assim, o lugar se constitui em uma mística do passado e do presente, que nos fornece subsídios para alavancar para o futuro (SUESS; CARVALHO SOBRINHO e ALMEIDA, 2013).

Por outro lado como nos alerta Tuan (2014) os lugares no período moderno carecem de peso, pois eles não têm o mesmo caráter emocional que já possuíram, as respostas para essa questão são variadas e de certa forma estão em construção:

Eu não havia percebido a total extensão do impacto que as inovações tecnológicas poderiam ter em nossas mais básicas experiências de espaço e lugar e, portanto, também nas mais íntimas relações e ligações humanas. Uma intimidade resfriada, um afrouxamento dos laços, uma maior “leveza de ser”, nesse sentido, uma coisa boa, já que tende a nos prover maior autonomia e liberdade (TUAN, 2014, p. 13).

As inovações tecnológicas acabam dando mais poder de escolha e mobilidade para as pessoas, e esse poder aumenta conforme a classe social. Talvez isso signifique liberdade, e leve as pessoas a conhecerem outros lugares, mas as pessoas ainda precisam de um lugar. O que aumentou foi a liberdade de escolha e consequentemente a desalienação a um específico, visto que hoje há possibilidade de conhecer outros lugares, mesmo que não presencialmente.

É muito interessante que os conceitos mudem de acordo com as novas realidades e com as novas gerações. Bélanger, citado por Lowenthal (1982, p. 112), acredita que “a visão do mundo que os geógrafos constroem deve ser criada a cada geração, não somente porque a realidade muda, mas também porque as preocupações humanas variam”. Essa mudança torna-se o estudo dos conceitos, e o próprio estudo cada vez mais único, assim como os lugares.

Caso fôssemos analisar por meio do pensamento de Santos (2011), chegaremos à conclusão que a globalização não “globaliza” todas as pessoas, os locais são cada vez mais globalizados, as relações econômicas e políticas também, mas nem todas as pessoas desfrutam do poder de descolamento e comunicação que a globalização oferece (SANTOS, 2011). Dessa forma, nem todos os lugares foram afetados em seu sentido social.

Segundo Souza (2012, p.119) “um tal enfoque nostálgico do lugar tem sido mais recentemente criticado como uma super-romantização, em contraste com um ‘sentido global de lugar’ mais progressista”. Não se trata aqui de discutir se um conceito é ou não é progressista. O conceito por si só nunca poderá ser progressista se não são as pessoas que o utilizam e dão significado prático para ele.

Talvez sejamos super-romântico em acreditar que as dimensões afetivas e simbólicas do homem devam ser consideradas na construção de um mundo cada vez mais homogeneizado, que a constituição do lugar é uma restrição para poucos, que essa constituição é essencial para o ser humano em todas as suas dimensões, que existe nesse mundo um descaso com as pessoas que não possuem dinheiro e status político para adquirirem seu próprio lugar, sendo essas mantidas em lugares precários ou mandados para locais construídos sem se quer valorizar a identidade de quem vai habitá-los.

O lugar na concepção humanista busca-se aliar a uma nova forma de fazer ciência, uma ciência que não seja sem homens, sem emoções, que desconsidera as coisas como elas são. Para Marandola Jr. (2003) um dos desafios é trazê-la para o cotidiano, para a sociedade e para o homem. A pouca importância dada pela ciência tradicional a essas questões, simplificam a capacidade humana de saber, criar e ofuscar (TUAN, 1982).

Sobre o papel do lugar no ensino há um reconhecimento de sua importância por parte de diversos autores especializados na teorização do ensino de Geografia. Pires e Alves (2013, p. 244) acreditam que “o estudo do lugar a partir da experiência fenomênica dos alunos com o seu lugar de vivência permite, de início, a identificação e compreensão de cada um”. Na mesma direção Callai (2012, p. 72) expõe que “compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem”.

Ao trabalhar o lugar do aluno, o mesmo estará conhecendo melhor seu local de vida cotidiana, seu bairro, sua cidade, bem como as propriedades e problemas de sua realidade geográfica, aguçando assim sua capacidade de analisar esses lugares e compreendê-los em sua multiescalaridade, articulando as diversas instâncias

simultaneamente, não de forma linear (LEITE, 2012). Esse conceito articulado com o conceito de cotidiano urbano e espaço simbólico atribui sentido aos conteúdos de Geografia para o próprio aluno, uma vez que o ajuda a relacioná-los com seu cotidiano (CAVALCANTI, 2013). Assim, a tarefa da escola por meio de seus conteúdos, em especial os de Geografia, é de propiciar elementos “para que os alunos possam fazer um elo entre o que acontece no lugar em que vivem, na sua vida, no seu cotidiano, e o que acontece em outros lugares do mundo” (CAVALCANTI, 2012b, p. 143).

Para Callai (2012, p. 71):

Muitas vezes, sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos.

Essa autora denuncia algo que é muitas vezes velado no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, embora encontremos muitas teorias e tendências pedagógicas que vão ao encontro em uma menor ou maior ênfase no mundo vivido do aluno, em grande número essa questão é negligenciada. Em muitos casos nos deparamos com muitos colegas docentes se preocupando em saber coisas sobre outros lugares, movimentos globais e uma série de informações, mas se esquecem de conhecer o seu arredor vivido e os contextos que cercam a escola. O próprio livro didático como um produto tirado em grandes quantidades não dá conta de abarcar os diversos contextos brasileiros em sua potencialidade, inclusive quando se trata do conceito de lugar nos livros do 6º ano do fundamental deixa muito a desejar no que se refere a conteúdo, exemplificações, conceituações, problematização, avaliação e uso de imagens. Muitas imagens aparecem descontextualizadas e um cenário que pouco remete o aluno a pensar na ideia de lugar (SUESS, CARVALHO SOBRINHO e ALMEIDA, 2013; CARVALHO SOBRINHO, 2014). Nesse sentido, o professor não pode se delimitar a esse material didático, o mesmo deve-se afrontar a ser um professor pesquisador, que saiba coletar e produzir materiais e novos conhecimentos com alunos a respeito da Geografia.

Sabe-se que devemos considerar no processo de aprendizagem o aluno como um ser humano possuinte de uma história de vida, utilizando-a para melhorar esse processo (VESENTINI, 2004). Callai (2012) indaga que ao fazer referência ao lugar, podemos desembocar em dois níveis de aprendizagem: o que se refere ao conhecimento e a compreensão do lugar, e, um que utiliza de exemplos para trabalhar a Geografia e compreender

seus objetivos. A respeito desse primeiro, a autora pondera a existência de vários lugares possíveis para se estudar que envolvem a cotidianidade dos discentes, é que um fato importante trata-se que os mesmos sejam significativos para a vida desses. Esses lugares das imediações mais próximas dos alunos funcionam como laboratórios que ajudam a descobrir e compreender o mundo, desvendando as diferentes formas de vida humana (CALLAI, 2012).

Pautada em uma perspectiva do estudo do meio, que pode ser associado nessa dissertação com o estudo do lugar, que envolve a interdisciplinaridade e a possibilidade de interação entre professor e aluno no processo de pesquisa, Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p. 173) postula que:

Mais importante do que dar conta de um rol de conteúdos extremamente longo, sem relação com a vivência do aluno e com aquilo que ele já detém como conhecimento primeiro, é saber como esses conteúdos são produzidos. O processo de descoberta diante de um meio qualquer, seja urbano, seja rural, pode aguçar a reflexão do aluno para produzir conhecimentos que não estão nos livros didáticos.

A proposta do estudo do meio de cada um visa valorizar a realidade e o conhecimento que cada discente possui do seu espaço vivido. “A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. ‘Seu’ mundo, em última análise, é a primeira e inevitável face do mundo mesmo” (FREIRE, 2011, p. 119). Deve-se buscar no conhecimento “ingênuo” a base para construirmos o conceito científico de lugar. “Eu estou absolutamente convencido de que os homens e as mulheres não começaram, na história de sua presença no mundo, fazendo saber científico. Eles começaram exatamente a fazer o saber ingênuo. Esse é o ponto de partida histórico” (FREIRE, 2013, p. 187).

Assim, na Geografia escolar essa concepção ganha força tendo como respaldo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Geografia do terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental. Esse documento dá grande notoriedade para as teorias humanistas do qual o conceito Geográfico de lugar renasce e ganha destaque. Dessa forma, de acordo com o documento, após um período de abandono verificado no uso do conceito lugar, existe a preocupação em recuperá-lo no interior de uma nova Geografia que trabalha esse conceito enriquecendo-o pelas posições teóricas humanistas (BRASIL, 2001).

O lugar como exposto no documento deixou de ser simplesmente o espaço em que ocorrem interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas que constroem juntamente com a materialidade dos lugares, e com as quais também inte-

ragem. O lugar ganha destaque nesse documento, pois o mesmo não é apenas um conteúdo, mas um olhar para se conduzir o processo de ensino, visto que é o mais próximo do cotidiano do aluno. A mediação de conhecimentos escolares com o cotidiano dos discentes se constitui em um dos principais pilares que esse documento em Geografia tenta construir (BRASIL, 2001).

3. PARA NÃO CONCLUIR...

Sendo assim deve-se considerar o lugar como uma possibilidade dos docentes conhecerem as experiências sociais e culturais dos alunos, e isso inclui conhecer os meios mais próximos de seu cotidiano, seus contextos familiares, sua visão a respeito da escola e de seu futuro. Essas são características importantes, por exemplo, para tentar entender como os alunos percebem a escola, a matéria, o professor e fornece subsídios para intervir na sua aprendizagem (LIBÂNEO, 1994). O que se propõe é levar o aluno a narrar os seus lugares de vida, por meio da narração se reconhecer como sujeito do espaço, como um ser possuidor de história, conhecimento, significados e imaginação. “[...] Narrare illudgo implica configurare, evidenziare, glioggetti e glieventirilevanti, tracciando, nel senso temporale, il loro profondo, radicato, significatoterritoriale”³³ (LANDO, 2012, p. 275-276).

O lugar não é apenas uma abordagem de ensino, um conteúdo e um modo de fazer geografia, mas também uma forma de conhecer a realidade local onde a escola está inserida ajudando também na relação entre escola-comunidade. “Mudar a cara da escola implica também ouvir meninos e meninas, sociedades de bairro, pais, mães, diretoras de escolas, delegados de ensino, professoras, supervisoras, comunidade científica, zeladores merendeiras, etc.” (FREIRE, 1991, p. 35). De tal modo, o lugar pode ajudar em uma melhor gestão da instituição escola.

Desse modo, o lugar diz respeito ao amálgama de significados construídos no espaço e abarca as facetas do mundo vivido e da experiência. Por isso foi considerado, nesta pesquisa, como uma importante ferramenta a ser utilizada nos processos de mediação didática/pedagógica, para a construção de conhecimentos geográficos. Além disso, subsidiar informações a respeito das experiências culturais e sociais dos alunos. Os resultados obtidos apontaram que esse conceito, no âmbito da educação, é válido, pois permite identificar os significados que os alunos atribuem aos seus espaços de vida, no qual se incluem a escola, a rua, o bairro, a cidade e o município e, ainda, utilizá-los como exemplos e matéria prima para se construir conhecimentos geográficos sistematizados.

Ele apresenta o potencial de quebrar estereótipos relacionados à Geografia – aqueles mnemônicos – e propicia a criação de uma identidade do aluno com esse campo disciplinar, uma vez que é por meio do lugar que o aluno do 6º ano do Ensino Fundamental se depara, de fato, com a Geografia e a significa.

REFERÊNCIAS

BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. L'humanismeengéographie. In: BAILLY, Antoine. **Les concepts de la géographie humaine**. Paris: Armand Colin, p.213-222, 2001.

BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **GEOgraphia**, Niterói, RJ, v. 13, n. 26, p. 66-91, 2011.

BRASIL. Ministério de Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 2001b.

CALLAI, Helena Copetti. **Estudar o lugar para compreender o mundo**. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, p. 71-114, 2012.

CALLAI, Helena Copetti. A dimensão pedagógica na formação do geógrafo. In: CALLAI, Helena Copetti. **A formação do profissional da geografia**. Ijuí: Ed. Unijuí, p.103-114, 2013.

CARVALHO SOBRINHO, Hugo. **A categoria lugar no livro didático de Geografia: abordagens e contribuições no processo de ensino/aprendizagem**. 2014. 144 p. Monografia (Graduação em Geografia) – Câmpus Formosa, Universidade Estadual de Goiás, Formosa, GO, 2014.

CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2012b.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012a.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia Escolar e a busca de abordagens teórico/práticas para realizar sua relevância social. In: SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs). **Desafios da didática de Geografia**. Goiania: Ed. da Puc de Goiás, p.45-65, 2013.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporidade e Lugar: Elos da Produção. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 249-279, 2012. (Estudos; 302).

ENTRIKIN, Jhon Nicholas. **The Betweenness of Place: Towards a Geography of Modernity**. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 1991.

- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. Organização, apresentação e notas Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREMÓNT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: ed. Loyola, 2012.
- LACOSTE, Yves. **Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papirus, 1997.
- LANDO, Fabio. La Geografia Umanista: un'interpretazione. **Rivista Geografica Italiana**, Veneza-ITA, n. 119, p. 259-289, 2012.
- LEITE, Cristina Maria Costa. **O lugar e a construção da identidade**: os significados construídos por professor de geografia do ensino fundamental. 222 f., 2012. Tese (doutorado em Geografia). Faculdade de Educação, Programa de pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**, São Paulo: Cortez. 1994.
- LOWENTHAL, David. Geografia, Experiência e Imaginação. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.
- KAERCHER, Nestor André. Docenciando me existencio. Existenciando, penso a docência, porque ela me constitui como ser do e no mundo. In: SILVA, E. I.; PIRES, L. M. (orgs.). **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: EdPUC-Goiás, p. 235-254, 2013.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Sobre ontologias. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. XIII-XVII, 2012 (Estudos; 302).
- MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, n. 2, jul./dez. 2003.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. O Triunfo do Lugar Sobre o Espaço. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 33-68, 2012 (Estudos; 302).
- OLIVEIRA, Livia. O Sentido de Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 3-16, 2012. (Estudos; 302).
- PIRES, L. M.; ALVES, A. O. Revisitando os conceitos geográficos e sua abordagem no ensino. In: SILVA, E. I.; PIRES, L. M. (orgs.). **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: EdPUC-Goiás, p. 235-254, 2013.
- PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I; CACETE, N.H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.
- RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2012.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: BestBolso, 2011.
- SARAMAGO, Ligia. Como Ponta de Lança: O Pensamento do Lugar em Heidegger. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do Lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, p. 193-225, 2012. (Estudos; 302).
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Organização e introdução de Helmut R. Wagner. Zahar: Rio de Janeiro, 1979.
- SEAMON, David. Existentialism/existential geography. In: KITCHEN, R.; THRIFT, N. (Eds.). **The International Encyclopedia of Human Geography**, v. 3, p. 666-671, Oxford: Elsevier, 2009.
- SELBACH, S (eds.). **Geografia e didática**. São Paulo: Vozes, 2010.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- SUESS, R. C.; CARVALHO SOBRINHO, H.; ALMEIDA, S. A. Abordagem e perspectivas do conceito lugar em livros didáticos de Geografia do 6º ano do ensino fundamental. In: Encontro Estadual de Didática e Práticas de Ensino, 5, Goiânia, 2013. **Anais...** Goiânia: UFG, 2013. Disponível: <<http://www.vedipe.blessdesign.com.br/pdf/gt07/co%20grafica/Rodrigo%20Capelle%20Suess.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

TUAN, Yi-Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S; OLSSON, G. (orgs.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht: Reidel, p. 387-427, 1979b.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 01, n. 01, p. 4-15, Inverno 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina, PR: Eduel, 2012, 344 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Space andPlace 2013. **Geograficidade**, Niterói, RJ, v. 4, n. 1, verão 2014.

VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas no ensino de Geografia no Brasil. In: VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica de José Cipolla Melo. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Correspondência dos autores:

*Rodrigo CapelleSuess**

e-mail: rodrigo.cappellesuess@gmail.com

*Cristina Maria Costa Leite***

e-mail: criscostaleite@gmail.com

Artigo recebido em: 08/03/2017

Revisado pelos autores em: 27/11/2017

Aceito para publicação em: 24/07/2018

‘Notas de fim’

1 “Lugar tem sido muitas vezes identificado implicitamente como a característica essencial dos fundamentos fenomenológicos da geografia” (RELPH, 1976, p. 5, tradução nossa).

2 “[...] uma fusão da ordem humana e natural e qualquer centro de significado espacial da experiência vivida de uma pessoa ou grupos” (SEAMON, 2009, s. p, tradução nossa).

3 “[...] Narrar o lugar implica configurar, evidenciar, os objetos e os eventos relevantes, traçando no senso temporal o seu profundo e enraizado significado territorial” (LANDO, 2012, p. 275-276, tradução nossa).